

Luana Frigulha Guisso
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES 5

**Teoria e prática em educação,
ciência e tecnologia**

Luana Frigulha Guisso e
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

DIÁLOGOS

INTERDISCIPLINARES 5:

Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia

1ª edição

Vitória
Diálogo Comunicação e Marketing
2023

Conselho Editorial

Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes

Dra. Luana Frigulha Guisso

Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira

Dra. Sônia Maria da Costa Barreto

Dra. Tatiana Gianordoli

Dra. Juliana Martins Cassani

Apresentação

A concretização do imaginado, consubstanciado em métodos analíticos do pesquisador. Eis que se delineia a quinta edição do e-book Diálogos Interdisciplinares – teoria e prática em educação, ciência e tecnologia, um compilado de artigos produzidos pelos alunos e seus orientadores no curso de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC).

Em mais essa edição podemos evidenciar a emancipação de mestrands, por meio da relação docente-discente, o professor, investido como orientador e revestido da missão de educador e emancipador do sujeito em interlocução. Uma relação prenunciada em Paulo Freire, como de construção e expansão mútua, constituído em uma espécie de “poder envolvente”.

A edição de número 5 traz como conteúdo pesquisas que abarcam a educação infantil e suas estratégias lúdicas, a importância do acompanhamento do pedagogo no ensino e aprendizagem, as práticas pedagógicas da educação quilombola, jogos pedagógicos, entre outras pesquisas que nos levam a refletir sobre nosso meio e também sobre o nosso cotidiano.

Cada um dos artigos evidencia a inquietação e a preocupação dos alunos e professores em promover debates a partir da realidade educacional, em vertentes e ambientes diversos. Com um percurso metodológico e uma revisão teórica singulares, discentes e docentes manejam o conhecimento para adentrar de maneira peculiar e singular o empreendimento de pesquisar o campo de estudo, tecendo, um caminho próprio de argumentação no processo de intervenção nas realidades escolhidas como contexto de estudo.

Em cada locus está o convite ao olhar ímpar de cada pesquisador, como no perscrutar das estratégias lúdicas em processos de ensino e aprendizagem, na habilidade de ensinar e aprender em um centro de Educação Infantil, na busca de marcas de cidadania e inclusão de estudantes com Síndrome de Down, nas práticas pedagógicas em uma comunidade Quilombola em que se analisou particularidades multiculturais, na aplicação do uso de jogos pedagógicos e seus benefícios para o letramento.

Ou ainda, procurando marcas autoridade para conter a indisciplina na escola. Ou no uso de metodologias ativas em sala de aula, no ensino de frações,

em práticas pedagógicas direcionadas ao EJA, nos hábitos alimentares no ambiente escolar, e, até mesmo, nas questões de estudos climáticos, em pesquisas sobre esportes; como o vôlei como prática esportiva, mediante a aplicação de técnicas determinadas.

A diversidade de olhares se apresenta nesse e-book nas investigações e fundamentações teóricas, e na parceria entre educando e educador, traduzindo-se uma obra que nos faz refletir de forma abrangente. Desse modo, convidamos você a participar desta coletânea de artigos.

Um grande abraço,

Luana Frigulha Guisso e Ivana Esteves Passos de Oliveira

Sumário

ESTRATÉGIAS LÚDICAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: UMA PESQUISA-AÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	10
Andressilda Graça Santos Benevides e Nilda da Silva Pereira	
A IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHAMENTO DO PEDAGOGO NO ENSINO APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE UM CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE PRESIDENTE KENNEDY/ES	31
Angelita Alves Almeida e Luciana Moura	
ESTRATÉGIAS E FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS PARA A INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM SÍNDROME DE DOWN NA EDUCAÇÃO BÁSICA	63
Brunela Lima Borges e Márcia Araújo de Araújo	
AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NO CMEI BEM ME QUER: AVANÇOS E DESAFIOS	88
Cristina Pereira Baiense e Márcia Araújo de Araújo	
JOGOS PEDAGÓGICOS: UM ESTUDO SOBRE SEUS BENEFÍCIOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	100
Dalvina Costa Fontana e Sônia Maria da Costa Barreto	
INDISCIPLINA ESCOLAR: O QUE PENSAM OS PROFESSORES DO 5º ANO ENSINO FUNDAMENTAL DE PRESIDENTE KENNEDY-ES	116
Delcenir Porto Costalonga e Luana Frigulha Guisso	

APLICAÇÃO DA LEI 10.639/2003 NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL 1 DAS ESCOLAS QUILOMBOLAS JIBOIA E ORCI BATALHA EM PRESIDENTE KENNEDY/ES	137
Katia de Souza Merence	
FATO OU FAKE – COMO LIDAR COM AS FAKE NEWS EM SALA DE AULA	155
Kêmeron Chagas dos Reis Almeida e Pablo Ornelas Rosa	
QUALIDADE NUTRICIONAL E ACEITABILIDADE DA MERENDA ESCOLAR NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE UM MUNICÍPIO DO INTERIOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO	185
Lívia França Costa e Luciana Barbosa Firmes Marinato	
O PLANEJAMENTO ESCOLAR PARA O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS NA SALA DE AULA	204
Marcela de Orequio Fernandes Machado e Sara Dousseau Arantes	
ENSINO HÍBRIDO: UM ESTUDO QUANTITATIVO SOBRE A PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA 2002-2021	225
Marcelo Silva Bolzan e Anilton Salles Garcia	
O ENSINO DE FRAÇÕES PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA EM PRESIDENTE KENNEDY/ES – 6º ANO	238
Neila Alves Moreira dos Santos e André Luis Lima Nogueira	
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE CONTRIBUEM PARA A PERMANÊNCIA DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO ENSINO FUNDAMENTAL SÉRIES FINAIS DA EMEF “BOM SUCESSO” MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS - ES	251
Rita de Cássia Machado Gambarine e André Luis Lima Nogueira	

ESTRATÉGIAS DE LEITURA COMO RECURSO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	271
Silvana Aparecida Faria Santos e Luciana Teles Moura	
A IMPORTÂNCIA DOS BONS HÁBITOS ALIMENTARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	290
Vilma Alves Ramos Talyuli e Daniel Rodrigues da Silva	
APLICAÇÃO DAS TÉCNICAS DO VÔLEI DE PRAIA NO MUNICÍPIO DE MARATAÍZES-ES – CONSIDERAÇÕES ACERCA DA INFLUÊNCIA CLIMÁTICA	310
Weverton Santos de Oliveira e José Roberto Gonçalves de Abreu	
OS AUTORES	327

ESTRATÉGIAS DE LEITURA COMO RECURSO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DENTRO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Silvana Aparecida Faria Santos
Luciana Teles Moura

1. INTRODUÇÃO

De forma resumida Vaughn et al. (2011) explica que os principais pré-requisitos para uma compreensão de leitura bem-sucedida incluem a habilidade de decodificar palavras e de ler fluentemente, bem como o uso de estratégias ativas para entender o significado do texto impresso. A compreensão da leitura é, portanto, uma combinação de construções orientadas para o conhecimento e para o texto. Em outras palavras, é o resultado de um processo de leitura sistemático que integra habilidades de leitura básicas e de ordem superior.

Decorre daí a força que grande parte das escolas tem feito para melhorar o desempenho leitor de seus alunos e ajudá-los a superar os problemas de leitura com estratégias leitoras e assim otimizar o processo de alfabetização.

Nesse sentido, destaca Moats (2009), os programas e intervenções de leitura em vários níveis são vitais para que os leitores com dificuldades se tornem leitores de sucesso. Estudos de qualidade realizados sobre o ensino de leitura e estratégias de intervenção têm revelado componentes instrucionais essenciais para o sucesso da leitura como, por exemplo, a fonética, o estudo de palavras e ortografia a fluência de leitura e o vocabulário.

Assim, no decorrer do desenvolvimento da pesquisa de campo da dissertação realizada por essa autora, partindo dessa realidade, buscou-se como obje-

tivo descrever a importância das intervenções e suportes de estratégias de leitura como recursos pedagógicos para ajudar os alunos dos anos iniciais a transpor as dificuldades leitoras. Propôs-se assim uma pesquisa-ação voltada para a intervenção na realidade social. Prestes (2012) explica que ela caracteriza-se por uma intervenção efetiva e ampla entre pesquisadores e pesquisados.

Thiollent (2003) lembra que a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social de base empírica realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes são representativos da situação ou do problema, estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Na culminância da pesquisa foi aplicado um questionário a 06 (seis) professoras dos anos iniciais por intermédio de uma conversa online através do aplicativo *Google Meet*¹ (devido aos tempos de isolamento que estamos vivendo em decorrência da pandemia da Covid19) para identificar de que forma as estratégias de leitura podem ser inseridas pelo docente na prática diária para ajudar os alunos a transpor as dificuldades leitoras no processo de alfabetização.

Assim, na última etapa da pesquisa, a análise e discussão dos dados levantados pelos entrevistados, percebeu-se a necessidade de se discutir formas de implementar estratégias de leitura para melhorar a compreensão dos alunos, verificando o nível de compreensão de cada um e percebendo que tipo de estratégia pode ser mais útil para a compreensão do texto.

O instrumento utilizado para a produção e coleta dos dados foi a entrevista semiestruturada junto aos sujeitos da pesquisa. Ao final da pesquisa, foi proposta a criação de um e-book voltado para os docentes das séries iniciais do município de Presidente Kennedy com instruções e metodologias para se desenvolver intervenções e suportes de estratégias de leitura na prática diária que ajudem na superação das dificuldades leitoras desses alunos.

1 Serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google que permite fazer reuniões e entrevistas online, tanto pelo computador quanto por dispositivos móveis.

2. CONHECENDO O MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY

Presidente Kennedy-ES está localizado no extremo sul do Espírito Santo a uma latitude 21°05'56" sul e uma longitude 41°02'48" oeste numa altitude de 55m. Situado a 159 km de Vitória, localizado na região IV, microrregião X, limitando-se ao norte com o município de Itapemirim, ao sul com o Estado do Rio de Janeiro, a leste com o oceano Atlântico e oeste com os municípios de Atilio Vivacqua e Mimoso do Sul, dentro de uma área da unidade territorial de 594,897 km² (IBGE, 2019).

A rede municipal de educação do município de Presidente Kennedy (ES) é composta por 18 unidades escolares de Ensino Fundamental, sendo 17 localizadas na zona rural e uma na zona urbana. Ainda tem quatro Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI's), sendo uma escola na zona urbana e dois na zona rural.

O IBGE (2019) estima para a cidade de Presidente Kennedy/ES uma população de 11.574 pessoas cuja densidade demográfica atinge 17,66 hab/km². Dentre as cidades esta fixada na 64^a posição, se comparada ao último censo demográfico que apresentou uma população de 10.314 pessoas, obteve um aumento de 12,2%. Porém com a maior renda per capita (PIB) de R\$: 513.134.20 (IBGE, 2015), grande parte em decorrência das explorações do petróleo em alto mar, na camada pré-sal. No entanto, continua sendo um município que apresenta muita pobreza e desigualdade social.

Tabela 1. Aspectos Demográficos

SITUAÇÃO DO DOMÍLIO/ SEXO – IBGE 2010			
Urbana	3440	Rural	6874
Homens	1710	Homens	3548
Mulheres	1730	Mulheres	3326

Fonte: Adaptada de <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=608&z=cd&o=3&>

Em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) reúne três dos aspectos mais relevantes para o aumento da liberdade (a saúde, educação e renda), é acompanhado por mais de duzentos indicadores socioeconômicos que auxiliam a sua análise e aumentam a compreensão dos fenômenos e dinâmicas rela-

cionadas ao desenvolvimento municipal. Trata-se de um número que varia entre 0 e 1. Sendo que, quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano de um município (IPEA, 2013).

O grau de desenvolvimento humano municipal segue a escala abaixo:

- Até 0,499 - desenvolvimento humano considerado muito baixo;
- Entre 0,500 e 0,599 – desenvolvimento humano considerado baixo;
- Entre 0,600 e 0,699 – desenvolvimento humano considerado médio;
- Entre 0,700 a 0,799 – desenvolvimento humano considerado alto;
- Acima de 0,799 - desenvolvimento humano considerado muito alto (PRESIDENTE KENNEDY, 2018).

O IDH do município de Presidente Kennedy/ES passou de 0,369, no ano de 1991, para 0,657 no ano de 2010. Neste último ano o seu resultado é qualificado como de “médio desenvolvimento humano”, conforme a escala exibida acima. Este resultado demonstra a melhoria da qualidade vida da população de Presidente Kennedy/ES, considerando a sua série histórica. Contudo, o desempenho do município ainda é inferior comparado aos resultados do estado do Espírito Santo (0,740) e do Brasil (0,727) (PRESIDENTE KENNEDY, 2018).

3. RESULTADOS

Docentes de uma escola municipal de Presidente Kennedy-ES e sujeitas dessa pesquisa tiveram a oportunidade de expressar aqui desde a sua visão sobre as dificuldades leitoras dos alunos nos anos iniciais, até as alternativas pedagógicas, como as estratégias de leitura, por exemplo, que possam ajudar na superação desse quadro e no fortalecimento do seu desenvolvimento leitor. Foi possível com isso perceber que, apesar do esforço desses docentes em relação à promoção de estratégias de leitura para promoção da leitura dos alunos considerados de baixo desempenho leitor, ainda é muito pouco o que tem sido feito nesse sentido.

Um ponto a ser ressaltado foi que, de fato, percebe-se que os docentes buscaram de forma mais intensa promover e estimular a leitura de imagem após a Pandemia da Covid19, devido à imposição do ensino remoto e a percepção da importância das redes sociais e a variante *e-learning*² devido às medidas de isolamento social.

Assim, foi possível perceber também que o aprendizado derivado do uso das estratégias de leitura, durante parte desse ano letivo, teve um uso maior dos recursos digitais e textos disponibilizados nos ambientes virtuais (a escola criou grupos de Whatsapp para postagem de atividades e avaliações para os alunos) o que fez com que eles se preocupassem, e buscassem mais o entendimento não somente dos textos, mas também das imagens encontradas, independentemente da disciplina.

Ao abordar a realidade das professoras verificou-se que nenhuma delas tem o hábito de recorrer às estratégias de leitura de imagens, por exemplo, para fortalecimento do processo leitor, apenas algumas poucas experiências em que usam, de forma superficial, os textos ilustrados contidos nos livros infantis e didáticos utilizados pela escola.

Sobre a condução das práticas/estratégias de leitura, como recurso para enriquecimento da aprendizagem e potencialização do desempenho leitor do aluno, os relatos docentes nos fazem acreditar que, embora a leitura seja uma atividade intrínseca à escola, o uso de estratégias de leitura diversificadas e criativas ainda se constitui num grande desafio na prática diária para suscitar nos alunos a motivação para a leitura e a melhora do desempenho leitor.

Em relação ao perfil das educadoras entrevistadas nessa pesquisa, seu tempo de serviço na educação varia de 18 a 21 anos sendo todas licenciadas em Pedagogia e 66% delas com especialização em Alfabetização e Letramento, Educação Infantil (32,4%) e Educação Especial (1,6%). Quanto à capacitação na área da educação, todas, (100%) realizaram algum tipo de curso nos últimos 02 anos.

² O *e-learning* ou ensino eletrônico corresponde a um modelo de ensino não presencial apoiado em Tecnologia de Informação e Comunicação. Atualmente, o modelo de ensino/aprendizagem eletrônico assenta no ambiente online, aproveitando as capacidades da Internet para comunicação e distribuição de conteúdos.

No primeiro momento da entrevista, a Professora “A”, com a sua experiência e comprometimento com a alfabetização no município, afirmou que busca desenvolver estratégias de leitura em sua prática pedagógica, embora tenha encontrado pouca receptividade para tal, um processo que ela mesma atribui à desmotivação dos alunos e falta de incentivo da família em casa com a leitura.

Para “A” *“o trabalho com leitura na sala de aula é feito por meio de leituras de textos, principalmente as presentes no livro didático usado pela escola onde os alunos fazem uma leitura silenciosa do texto e, em seguida ela faz a leitura em voz alta para que eles possam observar a importância da entonação da voz marcada pela pontuação no texto escrito”*. Assim, explica ela, *“peço ainda que cada um deles leia em voz alta um parágrafo para depois serem feitas perguntas sobre o que foi lido como, por exemplo, o tema central e os principais personagens”*.

Guimarães (2009) lembra que um tamanho único não serve para todos. Assim, explica, os professores podem ter que vasculhar uma série de técnicas motivacionais para encontrar aquelas que falam especificamente para cada criança com baixo desempenho. Apesar de demorado, esse processo, em longo prazo, ajudará o estudante a aprender e o professor a se tornar um educador melhor.

Percebeu-se aqui que há um esforço das docentes na promoção do ensino da leitura em sala de aula, em especial com aqueles que têm dificuldades leitoras e de compreensão dos textos utilizados. Porém, vê-se que elas não desenvolvem um trabalho sistematizado com a leitura, uma vez que apenas se limitam a explorar, com frequência, os textos contidos no livro didático, quase sempre incompletos e fragmentados, e ignorando muitas vezes as ilustrações que ali contém por minimizarem sua importância.

Não é segredo que essa prática ainda é muito presente no contexto escolar, pois, como mediador entre o papel do professor e o ensino e aprendizagem, o docente se depara, na maioria das vezes, apenas com o livro didático como único instrumento na escola para ser utilizado em sala de aula para conduzir o ensino da leitura. Logo, como suas atividades de leitura são realizadas em sua maioria de

forma simulada e resumindo, quase sempre, o ensino de leitura em exercícios de codificação e decodificação, acaba tendendo a não alcançar os resultados necessários, mas sim o suficiente.

Pillar (2006) é claro quando destaca que a leitura vai muito além da simples figura colocada para que o aluno faça a observação do que está vendo, ao contrário, ela é a leitura de mundo que aquele aluno possui, a mistura de sua vivência pessoal com o que o autor quer passar para quem vai apreciar o que está ao alcance de seus olhos.

A Professora “B”, ao tratar da forma como as estratégias de leitura para promover a alfabetização e o envolvimento dos alunos nas aulas são inseridas na prática escolar diária, afirmou que desenvolve uma estratégia de leitura *“mais voltada para os alunos que sabem ler, para incentivá-los a desenvolver a oralização e entonação de voz marcada pela pontuação e leitura em voz alta”*.

Ao questionar a Professora “C” ficou destaca em seu relato que os problemas mais frequentes percebidos em sala de aula nos alunos com dificuldades de leitura são a dificuldade de leitura oral e principalmente a compreensão do que foi lido.

Segundo “C”, o *“eles não possuem o hábito da leitura e a maioria não costuma ler em casa ou ir à biblioteca, pois só tem contato com esse universo em sala de aula quando são obrigados a ler, por isso não se entusiasmam quando são solicitados, ao contrário, acabam ficando envergonhados na leitura oral por não possuírem esse hábito”*, afirmou.

No entanto continua C, *“o mais preocupante é a dificuldade de compreensão que eles têm do que foi lido, ou seja, leem e não entendem, não compreendem, não assimilam a ideia central do que foi lido. Aí, me pergunto: Será que leram? Ou apenas decodificaram as letras que ali estavam?”*.

Para Guimarães (2009) não há remédio para o baixo desempenho como um todo. Daí os professores precisarem aprender a aceitar cada criança como ela é - embora se recusando a aceitar o insucesso como uma abordagem aceitável para o aprendizado. O primeiro passo para identificar a causa do insucesso é

procurar o que pessoalmente motiva o aluno - essa é a conexão entre o desejo e o desempenho educacional.

As demais professoras “D”, “E” e “F”, nesse sentido, afirmaram que *“não há muito que mudar em relação às estratégias de leitura trabalhadas em sala de aula”*, que seguem uma espécie de padrão no ensino da leitura utilizando os textos presentes nos livros didáticos e trabalhando “dentro das limitações dos alunos”.

A professora “D” foi mais longe e afirmou e disse que *“não tem como a gente avançar se não conseguimos sair do lugar com as dificuldades que eles têm nas estratégias mais fáceis que são realizadas em sala de aula, entende?”*.

Núñez et al. (2017) explica que quando os alunos se aproximam de um texto eles não estabelecem uma relação próxima com ele e não interagem com ele para entender o significado além da tradução do vocabulário, o que revela um baixo comprometimento em avançar no pensamento superior e melhorar os níveis de compreensão.

Os alunos sentem que não conseguem obter bons resultados nas atividades de compreensão, pois frequentemente se envolvem em um processo em que apenas reconhecem questões sobre estrutura linguística e tradução de vocabulário. Por isso, é importante mostrar o processo de leitura a eles como algo que podem fazer com sucesso e não como algo que devem evitar. Daí a importância de estratégias de leitura criativas que os envolva num processo de desenvolvimento de leitura estratégica para não somente compreender um texto, mas construir significados a partir dele (NÚÑEZ et al., 2017).

Dentro desse contexto percebe-se que o desenvolvimento de estratégias de leitura diversificadas e criativas para ajudar os alunos a superar as dificuldades leitoras, como recurso de aprendizagem e ensino no ambiente educacional, ainda estão longe do lugar que deveriam ocupar na prática escolar diária dessas docentes.

Solé (1998) afirma que esse tipo de leitura não leva em consideração a compreensão textual como um fator primordial, ao contrário, funciona mais como um treinamento, às vezes repetitivo, marcado somente pela intenção de oralizar a

escrita. E mais, as atividades elaboradas são resumidas em identificar o tema central e o protagonista da história, o que não aciona os conhecimentos prévios dos leitores, tampouco os faz analisar, criticar, questionar, deduzir e contextualizar as informações expostas nos textos estudados.

As definições sobre estratégias de leitura para o texto possuem arcabouço teórico que trazem a literatura infantil como uma fonte de manifestação cultural, sobre a qual o leitor cria, recria e da qual se apropria com elementos de imaginação e com recursos do conhecimento prévio adquirido. Nesse sentido, a estratégia inferencial é concretizada através de dicas encontradas durante a leitura, e possibilita ao leitor fazer o movimento de ida e vinda entre os elementos visuais e de texto escrito do livro ilustrado (GIROTTTO e SOUZA, 2010).

Por isso o foco deste estudo na importância de se desenvolver estratégias de leitura que ajudem na superação das dificuldades leitoras dos alunos nos anos iniciais, evidenciando a necessidade cada vez maior de prepará-los para a assimilação e interpretação crítica dos códigos visuais a que cotidianamente são expostos.

Assim derivado das respostas das professoras acima citadas, é possível perceber a ausência de estratégias de leitura, como recurso de aprendizagem e ensino no ambiente educacional, a partir da discussão de como elas podem ajudar a reverter o quadro de dificuldades leitoras que eles possuem já nos anos iniciais.

Dessa forma, fica evidenciado um abismo quanto à elaboração de propostas e estratégias de leitura unindo a teoria à prática e suscitando uma melhor compreensão, interpretação e assimilação do texto com o intuito de fortalecer o ensino da leitura.

Diante dessa realidade é fato que a mudança de paradigma em relação à leitura realizada em sala de aula precisa ser redimensionada através de estratégias de leitura que visem ao fortalecimento do processo leitor, desenvolvendo para tal um trabalho que vá de encontro às práticas utilizadas que desmotivem o gosto pelo ato de ler.

Solé (1998) explica que é importante, neste processo de construção, criar condições para que os alunos se interessem pela leitura. O primeiro passo é refletir com os leitores sobre o que irão ler, para quê, qual a intenção em fazer a leitura de um determinado texto e como isso será feito, pois as estratégias de ensino de compreensão leitora precisam se adequar às reais necessidades do leitor.

Desse modo, afirma Solé (1998), para alcançar a individualidade e autonomia no início do processo de leitura, ela sugere alguns passos que podem servir como um direcionamento para nortear a prática pedagógica do professor que são: motivação, objetivos, conhecimentos prévios, estabelecimento de previsões e formulações de perguntas sobre o texto. Kleiman (2013) também, nessa mesma linha de pensamento, destaca que a leitura é um ato individual em que o próprio leitor constrói significados a partir de sua relação com o texto.

Quando questionada se tem entendimento da forma como as estratégias de leitura podem colaborar para fortalecimento do processo de alfabetização, a professora “C” responde: *“Sim, claro, influenciam e muito colaborando para que ele seja fortalecido. No entanto, afirma, se de fato os alunos estiverem desmotivados, nenhuma estratégia criada surtirá efeito algum”*.

Nesse momento a professora “C” explica: *“eu acredito que, primeiro, é preciso fazer com que eles percebam o prazer que a leitura oferece o que eles podem descobrir com ela, qual o benefício da leitura. Assim, acho que podemos conseguir levá-los a gostarem de ler. Até mesmo porque acredito que esse é o papel que pertence ao professor, não é?”*.

A postura de Vygotsky, no que diz respeito à intervenção de um indivíduo no desenvolvimento do outro, tem consequências para seu próprio procedimento de pesquisa. É preciso que a intervenção docente seja feita no sentido de desafiar o sujeito, de questionar suas respostas, de trazer a criatividade para o contexto escolar e observar como a interferência de outra pessoa afeta seu desempenho e, sobretudo, para observar os processos psicológicos em transformação e não apenas os resultados de seu desempenho (OLIVEIRA, 2011).

Corroborando com essa opinião as professoras “A” e “B” disseram que na maioria das vezes, elas até “desanimam” de desenvolver algum projeto porque eles simplesmente “*não respondem a nada que a gente faz*”. Para “D” e “E” a pandemia piorou ainda mais esse comportamento de denânsito. “*Se em sala de aula já era difícil responder, imagine o que nós passamos com o ensino remoto onde eles recebem as atividades através dos grupos da escola pelo Whatsapp*”, desabafam.

Ao serem questionadas em relação aos projetos desenvolvidos na escola ao longo desse ano letivo de 2021, e que pudessem ser usados para abordar as estratégias de leitura, elas disseram que não houve a realização de nenhum projeto nesse sentido esse ano. “*Se a gente quiser realizar algum projeto a gente até consegue apoio, mas tudo tem que ser da cabeça da gente*”, destacaram todas elas, sem exceção.

Good e Brophy (2008) afirmam que, dentre algumas pré-condições que podem preparar o terreno para o emprego bem-sucedido de estratégias motivacionais, destacam-se: torna a sala de aula uma “comunidade” que apoia a aprendizagem com atividades de dificuldade apropriada; o desenvolvimento de atividades que conduzam a resultados de aprendizagem valiosos; e por fim, a postura do professor usando, de forma variada, estratégias motivacionais.

Foi possível depreender da fala das professoras que, apesar de ser claro o entendimento que elas têm sobre a importância das estratégias de ensino para fortalecimento da leitura dos alunos, de maneira que se tornem leitores autossuficientes, infelizmente, ainda estão aquém do desenvolvimento de estratégias que os prepare para isso, promovendo o encontro interativo, desde cedo, com a leitura.

Para Carvalho e Baroukh (2018) os objetivos e estratégias a serem desenvolvidas na prática pedagógica diária devem ser pré-definidos em todos os momentos da leitura para desmistificar a ideia da leitura obrigatória e oralização, levando-os a perceber que devem ler com diferentes interesses e finalidades para obter uma informação e seguir uma instrução, comunicar um assunto, sensibilizar, obter prazer, etc., daí a importância do professor ter clareza dos objetivos que pretende alcançar.

No entanto, esse processo é muito dificultado pela inexistência de projetos na escola que atendam os alunos que estão com dificuldades em ler e compreender textos presentes nos livros didáticos utilizados, um importante recurso de aprendizagem e ensino no ambiente educacional.

A literatura revisada nesse estudo endossa o fato de que o uso de estratégias de leitura com livros infantis para fortalecer o processo leitor é um benefício inegável para professores e alunos e sua implementação de forma efetiva e criativa cria melhores oportunidades de ensino consideradas importantes. No entanto, apesar do lado positivo associado à sua integração no ensino e na aprendizagem, a realidade desse estudo de caso mostra desafios e obstáculos que impedem a plena utilização desses recursos pelos alunos.

Um ponto interessante foi perceber, junto às professoras que desenvolvem estratégias de leitura, que até mesmo as outras disciplinas tornaram-se mais interessantes quando utilizados conteúdos com uma quantidade significativa de ilustrações junto com o texto escrito, uma vez que, no momento em que liam os textos contendo essas imagens, passavam a entendê-lo e compreendê-lo melhor.

“Eles passam a se interessar e aprender cada vez mais, a fazer a ‘ligação’ entre a imagem e o que significado do texto, aumentando sua capacidade crítica e desenvolvendo uma postura de leitor mais independente” explica a professora “A”. Para a professora “C” o *“aluno acaba se interessando pelas demais disciplinas do currículo, da mesma forma como se relaciona com a leitura nas aulas de português”*.

Ruiz (2002) destaca que os indivíduos não nascem com um talento específico ou aptidão para um determinado assunto - isso deve ser alimentado. O cérebro é um músculo em constante mudança que pode ser cultivado. Quando os alunos são motivados através dos desafios criados com criatividade nas atividades dentro do processo de aprendizagem, por exemplo, eles cometem erros e aprendem com eles, e aplicam as informações recém-descobertas em aulas futuras, eles assumem o controle de seu aprendizado e, em essência, se motivam.

Nesse sentido, é válido citar Zilberman e Rosing (2009) ao definirem que se tornam leitores ativos aqueles que dão vida ao texto, interagem, dialogam e estabelecem uma relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca.

Nesse ponto a professora “B” lembra que *“das estratégias que mais se destacam estão a ativação do conhecimento prévio sobre as questões do texto. Eu dou um comando para que eles acionem o pensamento e me digam o que sabem sobre aquele assunto trabalhado no livro ou aquela imagem destacada naquela parte do texto, e o que ela passou para eles”*.

Nesse sentido a Professora “D” deu exemplo das aulas de ciências, que era onde ela utilizava as estratégias de sumarização e de síntese: *“depois de se estudar o livro didático e ativar o conhecimento prévio das questões elaboradas, havia a necessidade de concluir os conceitos aprendidos. Assim, após as estratégias utilizadas para fortalecer o processo leitor e a compreensão do texto lido, os direcionamentos passaram a fluir de forma mais fácil e a matéria começou a ser melhor compreendida”*.

Daí a importância do professor no processo de desenvolvimento do aluno, destaca Oliveira (2011) que reafirma a importância da visão explícita de Vygotsky sobre o valor da intervenção docente no desenvolvimento de cada indivíduo envolvido na situação escolar, sugerindo inclusive uma re colocação das modalidades de interação consideradas legítimas promotoras de aprendizagem.

Para Oliveira (2011) o aprendizado na escola é um resultado desejável, o próprio objetivo do processo escolar. Nele o professor tem o papel explícito de interferir na zona de desenvolvimento proximal dos estudantes, provocando avanços que não ocorreriam de forma espontânea.

Dessa forma, as docentes concordaram que, além dos conteúdos ficarem mais fáceis de compreender, as atividades passaram a ser mais prazerosas com o uso das ilustrações dos livros didáticos utilizados porque as crianças se sentiam sujeitos do seu próprio processo de aprendizagem, na medida em que sabiam claramente o que precisavam aprender, ou seja, os objetivos eram explicitados - e essa clareza tornou-se fruto do planejamento e organização dos conteúdos.

Nesse sentido Tavares (2019) explica que o alto nível de elaboração gráfica que caracteriza as obras infantis contemporâneas torna primordial esse procedimento de busca por pistas na organização interna do livro. Nesse movimento de construção de significados, atentar para os detalhes contidos nas imagens dispostas nos livros atesta o caminho para formação do leitor estratégico.

Na visão de Carvalho e Baroukh (2018) os estudantes melhoram sua compreensão global sobre o texto à medida que as estratégias de leitura lhes são ensinadas, pois a reflexão sobre o que se lê aumenta o aprendizado. Quando aprendem a realizá-lo desta maneira, o controle de monitoramento da aprendizagem passa para o nível metacognitivo, pois as crianças têm consciência do processo ocorrido com elas mesmas.

Por fim, há que se destacar, na defesa do uso das estratégias de leitura, e consequentemente melhorar a compreensão, interpretação e assimilação do que se vê, que se trata de um recurso muito significativo no enfrentamento das dificuldades leitoras dos alunos e no ensino da leitura. E, diferente de uma “receita” a ser aplicada, trata-se de uma intervenção metodológica adequada, que propõe atividades significativas para as crianças, sujeitos dentro desse processo.

Ao abordar sobre a realidade das professoras foi possível verificar que nenhuma delas tem o hábito de recorrer às estratégias de leitura no ensino e fortalecimento do processo leitor.

Sobre a condução das práticas de leitura, quanto às estratégias que se usam para ler e compreender textos, os relatos das docentes nos fazem acreditar que, embora a leitura seja uma atividade intrínseca à escola, ela se constitui em um grande desafio na prática diária quando elas mesmas buscam definir caminhos para propor um trabalho que suscite nos alunos o gosto pelo ato de ler.

No entanto, na prática da pesquisa, foi possível dialogar com elas sobre o fato de que o ato de ler deve se dar através da compreensão, um processo dialógico que requer um sujeito leitor ativo que interage com um texto desconhecido, mas não de forma mecânica, permitindo assim uma prática diferenciada que rompa

com os métodos tradicionais de exercícios geralmente utilizados na escola para ensinar a ler como, por exemplo, a leitura oral e questionários dos livros didáticos presentes em todas as disciplinas do currículo.

Diante disso, elas entenderam a necessidade de vislumbrar uma forma eficiente de ensinar a leitura, percebendo a dimensão do que isso pode alcançar se adotado como regra básica no currículo escolar, pois a educação infantil é uma etapa onde a criança está se apropriando da linguagem oral e cabe ao professor mediar situações onde ela seja estimulada a participar e ouvir informações que irão enriquecer o seu campo da imaginação e produção.

No entanto, todas trouxeram como reclamação maior o fato de que, apesar do esforço que fazem para promoção do ensino da leitura em sala de aula, em especial com aqueles que têm dificuldades leitoras e de compreensão dos textos utilizados, o fato de não conseguirem desenvolver um trabalho sistematizado com a leitura, limitando-se a explorar constantemente os textos incompletos e fragmentados dos livros didáticos.

Dessa forma, há que se discutir formas de implementar estratégias de leitura para melhorar a compreensão dos alunos, verificando o nível de compreensão de cada um e percebendo que tipo de estratégia eles mais usam para a compreensão do texto.

Nesse sentido Clarke et al. (2014) destacam a importância de estratégias que motivem e orientem a leitura dos alunos através da criatividade dos textos e atividades, envolvendo os alunos e ensinando-os a utilizá-las para apoiar sua compreensão de leitura. Se os materiais forem interativos e baseados nos seus interesses e à altura da habilidade linguística dos alunos, mais motivados a ler e a fazer os exercícios eles estarão durante as aulas de leitura.

Quiroga Carrillo (2010) constatou que as estratégias de leitura devem possibilitar que os alunos assumam um papel ativo durante as atividades, se sintam à vontade para perguntar, fazer comentários e opinar sobre o texto para verificar sua compreensão. É importante oferecer aos alunos variedade nas atividades para

evitar a falta de entusiasmo. Assim, é possível concluir que, se motivados com as atividades, os alunos certamente farão esforços mais significativos para melhorar seu desempenho em compreensão de leitura.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expectativa do trabalho desenvolvido nesta pesquisa conduziram a uma reflexão sobre a importância o efeito das intervenções e suportes de estratégias de leitura em alunos com dificuldades leitoras nos anos iniciais e da urgência de evidenciar a necessidade cada vez maior de prepará-los para tornarem-se leitores bem-sucedidos. Assim, sua finalização fez levantar sentimentos diversos na medida em que são esclarecidos alguns pontos e obtidas respostas acerca da forma como tem se dado o ensino da leitura na escola alvo dessa pesquisa no contexto escolar.

As estratégias de leitura devem se tornar um recurso que permita ao aluno interagir com os textos de maneira crítica e ativa, atribuindo inclusive sentido àquilo que lê. No entanto, essa visão torna-se um desafio não apenas pela competência leitora ruim de nossos alunos nos anos iniciais, mas principalmente pelas dificuldades de nossas docentes em desenvolver metodologias e estratégias de ensino voltadas o desenvolvimento da capacidade leitora.

Na prática da pesquisa foi possível dialogar com as docentes sujeitas dessa pesquisa sobre o fato de que o ato de ler transforma os alunos em indivíduos aptos a um processo de comunicação e expressão mais claro e crítico. E mais, dentro da prática docente, compreender os elementos, significados e natureza do texto e seus recursos visuais podem, inclusive, levá-las a usar as ilustrações ali encontradas para fins de ensino.

Assim, é preciso estimular a criatividade e a capacidade de compreensão desses alunos, num processo dialógico que requer um sujeito leitor ativo que interage com os textos, mas não de forma mecânica, conforme ainda impera em muitos ambientes escolares, pelo contrário, numa prática diferenciada que rompa com os métodos tradicionais de exercícios geralmente utilizados em sala de aula

para ensinar a ler como, por exemplo, a leitura oral e questionários dos livros didáticos presentes em todas as disciplinas do currículo.

Logo, no decorrer da pesquisa foi possível perceber que nos anos iniciais de uma das escolas do município de Presidente Kennedy-ES as intervenções realizadas com estratégias de leitura em alunos com dificuldades leitoras nos anos iniciais ainda se faz de maneira elementar, seja apenas como visitação - num trabalho voltado somente para os aspectos gramaticais, utilizando o texto como pretexto - seja como treinamento - com foco na oralidade da escrita e sem um aprofundamento temático voltado para o diálogo crítico com outras leituras e com as singularidades do próprio texto - baseado sempre em um planejamento que utiliza o livro didático, onde as atividades são facilmente encontradas no texto.

Logo, é preciso desenvolver formas eficientes de ensino da leitura percebendo a dimensão que isso pode alcançar se adotada como regra básica no currículo escolar, pois os anos iniciais são uma etapa onde o aluno começa a avançar na linguagem oral e capacidade crítica cabendo ao professor a mediação de situações onde ambas sejam estimuladas, e mediadas pelas estratégias de leitura para enriquecer o seu campo da imaginação e compreensão.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, A. C; BAROUKH, J. A. **Ler antes de saber ler: oito mitos escolares sobre a leitura literária.** Editora Panda Educação, 2018.

CLARKE, P. J; TRUELOVE, E; HULME, C. *Developing reading comprehension.* West Sussex, UK: John Wiley & Sons, Ltd., 2014.

GIROTTTO, C; SOUZA, R. J. **Estratégias de leitura:** para ensinar alunos a compreender o que leem. In. SOUZA, Renata Junqueira de. et. al. (Org.). *Ler e compreender: estratégias de leitura.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

GOOD, T. L; BROPHY, J. E. **Looking in classrooms.** Columbus, OH: Allyn & Bacon/Merrill Education, pp.59-70, 2008.

GUIMARÃES, S. E. R. **Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula.** In: BORUCHOVITCH, E; BZUNECK, J. A. (org.). A motivação do aluno: Contribuições da Psicologia contemporânea. Petrópolis: Vozes, p.37-57, 2009.

IBGE. Presidente Kennedy/ES. 2019. Em 10 de novembro de 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/presidente-kennedy/panorama>

IPEA. **Índice de Desenvolvimento Humano Municipal Brasileiro.** Brasília: PNUD, IPEA, FJP, 2013.

KLEIMAN, A. B. **Oficina de leitura: teoria & prática.** 15 ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.

MOATS, L. (2009). **Knowledge foundations for teaching reading and spelling.** Reading and Writing, 22, pp.379-399. doi:10.1007/s11145-009-9162-

NÚÑEZ, A; TÉLLEZ, M; CASTELLANOS, J. Teacher-developed materials in a master's programme in education with emphasis on english didactics. In A. Núñez, M. Téllez, & J. Castellanos (Ed.). Teacher research on English didactic issues, pp.19-64. Bogotá: **Departamento de Publicaciones Universidad Externado de Colombia.** 2017.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky. Aprendizado e desenvolvimento. Um processo sócio histórico.** 1. ed. – São Paulo: Scipione, 2011.

PRESTES, M. L. De M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia.** 4 ed. São Paulo: Rêspel, 2012. 312 p.

QUIROGA CARRILLO. C. (2010). Promoting tenth graders' reading comprehension of academic texts in the English class. **Profile Issues in Teachers Professional Development**, 12(2), pp.11- 32.

RUIZ, V. M. **Motivação para aprender.** In: WITTER, G. P. (Org.). Psicologia: Tópicos Gerais. Campinas, SP: Alínea, 2002. pp.09-34.

SOLÉ, I. Estratégias de leitura. São Paulo: Penso. 1998.

TAVARES, M. **Estratégia inferencial para ler o livro ilustrado**. Revista Graphos, vol. 21, n° 1, 2019 | UFPB/PPGL | ISSN 1516-1536.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 2005.

VAUGHN, S; WEXLER, J; ROBERTS, G et al. (2011). **Effects of individualized and standardized interventions on middle school students with reading disabilities**. Exceptional Children, 77, pp.391-407. <http://www.cec.sped.org>

ZILBERMAN, R; ROSING, T. M. K. (Org.). **Escola e Leitura: velhas crises, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.